

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CENTENÁRIO DE DORIS DAY
1 e 5 de Setembro de 2022

THE GLASS BOTTOM BOAT / 1966

Espia em Calcinhas de Renda

um filme de FRANK TASHLIN

Realização: Frank Tashlin / **Argumento:** Everett Freeman / **Direcção de Fotografia:** Leon Shamroy / **Música:** Frank De Vol / **Montagem:** John McSweeney Jr. / **Direcção Artística:** Edward C. Carfagno, George W. Davis / **Cenários:** Henry Grace, Hugh Hunt / **Som:** Franklin Milton / **Interpretação:** Doris Day (Jennifer Nelson), Rod Taylor (Bruce Templeton), Arthur Godfrey (Axel Nordstrom), John McGiver (Ralph Goodwin), Paul Lynde (Homer Cripps), Edward Andrews (Gen. Wallace Bleecker), Eric Fleming (Edgar Hill), Dom DeLuise (Julius Pritter), Elisabeth Fraser (Nina Bailey), Dick Martin (Zack Molloy), George Tobias (Mr. Fenimore), Alice Pearce (Mrs. Fenimore), Ellen Corby (Anna Miller), Dee J. Thompson (Donna).

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), Arwin Productions, Reame Productions / **Produtores:** A Martin Melcher-Everett Freeman Production, Martin Melcher / **Cópia:** digital, em inglês, legendada electronicamente em português / **Duração:** 110 minutos / **Primeira apresentação pública/estreia comercial:** 9 de Junho de 1966, Festival de San Sebastián, Espanha / estreia comercial nos Estados Unidos / Primeira exibição na Cinemateca.

Como escrevia um crítico na altura da estreia de THE GLASS BOTTOM BOAT, cada filme de Tashlin é sempre um acontecimento. Acontecimentos que foram perdendo o gás ao longo dos anos sessenta, dada a maior reserva com que começaram a ser recebidos os seus últimos filmes – a última longa-metragem do realizador é de 1968 e ele faleceria em 1972. Por outro lado, quem conhece bem e aprecia Doris Day, perceberá que não está aqui no seu melhor papel, mas também que THE GLASS BOTTOM BOAT acrescenta algo à sua figura, dado que o filme resultou em parte de um esforço da MGM de redesenhar a sua imagem de um modo mais “sensual e maduro”, como reforçou Roger Garcia numa monografia que devotou à obra Frank Tashlin, uma edição conjunta do Festival de Locarno e do BFI de 1994.

Doris Day está na origem de momentos idênticos a outros que marcaram a sua carreira: as canções, as piadas associadas ao seu papel de desajeitada jovem viúva que vive na companhia dos seus animais de estimação. Mas este é talvez o aspecto mais mordaz de um filme que visita um género popular nos anos sessenta – os filmes de espões – e que revela a sagacidade do olhar de Tashlin face ao quotidiano. É bastante cruel a caracterização da protagonista no seio da sua vida doméstica, mas também o facto de pontualmente se vestir de sereia para ajudar o pai no seu negócio turístico. Sendo inadvertidamente pescada pelo patrão (Rod Taylor), dono da empresa espacial

onde Day trabalha, daí a um “maduro” romance e a uma série de peripécias em que se vê confundida com uma espia da união soviética que pretende roubar segredos, vai um passinho.

Para aqueles que gostam muito de Tashlin, *THE GLASS BOTTOM BOAT* será certamente decepcionante, mas completa o perspicaz retrato do realizador da América do pós-guerra, em que a publicidade e o culto da aparência desempenham um papel essencial, e em que a Guerra Fria se poderá resumir a um conjunto de *gags* que enfatizam um ambiente de suspeição e desconfiança permanente num mundo dividido pouco antes da chegada do homem à lua. *THE GLASS BOTTOM BOAT* não tem a força que valeu a Tashlin o papel de “autor” que marca a transição entre as *screwball comedies* e a comédia moderna, ou a admiração dos jovens críticos dos *Cahiers* e o termo forjado por Godard de um humor “tashlinesco”, mas ainda é um Tashlin em que a história apenas serve de pretexto para que o realizador possa desenvolver uma série de *gags* e piadas visuais em que os *gadgets* que sempre o fascinaram encontram um espaço na rocambolesca narrativa.

Uma herança *slapstick* que vem da também da relação de Tashlin com a animação e do seu trabalho anterior de cartoonista ou mesmo de argumentista para os irmãos Marx. O *gag* da cozinha ultra-moderna, com o seu sempre-pronto aspirador, se antecipa alguns aspectos de um futuro próximo, aproxima-nos do melhor do burlesco, mas infelizmente Doris Day não é Buster Keaton ou Jerry Lewis, com o qual Tashlin realizou seis dos seus melhores filmes.

Se nos filmes que Tashlin começou a desenvolver a partir do início dos anos cinquenta em Hollywood, os *gags* costumam ser considerados tão bons como os actores que envolvem, uma vez que a sua comédia implica frequentemente máquinas e objectos inanimados e descontrolados que desafiam as pessoas, aqui, quem mais sofre, para lá de Doris Day, são alguns dos actores secundários, que trazem uma forte mais-valia ao filme: Dom de Louise no papel de Julius Pritter (uma sombra de Lewis e da influência que este exerceu sobre um realizador como Tashlin, e vice-versa) ou Paul Lynde na sua interpretação de um polícia que se veste de mulher. Humor típico de Tashlin (o descontrolo na cozinha, mas também a a sequência da troca dos quartos, as falsas identidades), num filme cujo título da estreia portuguesa – “Espia em Calcinhas de Renda” –, não deixa de ser bastante infeliz.

Já depois de Jerry Lewis se tornar a solo um dos mais importantes “autores” do cinema moderno, e com a comédia *slapstick* entregue também a outros realizadores, Tashlin começava a perder o pé. Os seus últimos filmes foram frequentemente acusados de serem fascinantes para a análise crítica, mas menos interessantes para o espectador, dada o seu menor poder de provocar uma boa gargalhada, mas é inegável o modo como, perdendo parte da sua força, Tashlin preserva um olhar satírico sobre a cultura popular norte-americana.

Joana Ascensão